

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE A  
ANTIGUIDADE  
φαινε

PHAINE

**A “caçada com gato” da Filosofia:  
algumas considerações sobre a  
“segunda navegação” (Fédon 85c-d;  
99c-100e; 107a-b)**

**Philosophy and its “hunting by cat”:  
some words about “second sailing”  
(Phaedo 85c-d; 99c-100e; 107a-b)**

**André Luiz Braga da Silva<sup>1</sup>**  
Universidade de São Paulo

**Resumo:** No diálogo *Fédon* de Platão, o personagem Sócrates, como que se confidenciando aos amigos no leito de morte, diz que lhe foi impossível, em sua vida, descobrir as verdades das causas dos entes através do aprender com os outros e do descobri-las por si mesmo. O filósofo admite, então, que apelou para um Método de Hipóteses, algo que ele caracterizará como uma “segunda navegação”: hipotetizar o *logos* que ele, Sócrates, decidia, em cada ocasião, ser o mais forte, acerca de causas e acerca de todo o resto. E o que lhe parecia em consonância com tal *logos*, ele tomava por verdadeiro; o que não, tomava por falso (99c1-100a7; BURGER, 1947; FISCHER, 2002). A partir da análise das passagens desse diálogo sobre o tema, bem como do sentido, no idioma grego, dessa expressão usada para caracterizar o método, o presente artigo visa apresentar o quadro traçado do Método de Hipóteses no *Fédon*.

**Palavras-chave:** Platão; Fédon; Segunda; Navegação; Hipótese.

**Abstract:** In Plato's *Phaedo*, character Socrates, in his death bed, saying seemingly confidential words to his friends, tell them that it was no possible, in his life, discovery the true of beings' causes through learning from another, nor through discovery by himself. So, the philosopher acknowledges that he had to use a Hypotheses' Method, something that he will call a “second sailing”: to hypothesize the *logos* he, Socrates, decided, in each time, be the stronger, about causes and whatever. And what seemed him in accord with this *logos*, he called true; what not, he called false (99c1-100a7; BURGER, 1947; FISCHER, 2002). From the analysis of the passages of *Phaedo* about this matter, as of the meaning, at Greek idiom, of this expression used to qualify the method, this paper aims present the picture designed in the dialogue of the Hypotheses' Method.

**Keywords:** Plato; Phaedo; Second; Sailing; Hypothesis.

## Introdução

*a Franco Trabattoni e Giovanni Casertano,  
que também gostam de jangadas*

*Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. A aguagem bruta, traiçoeira – o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrio, e uns sussurros de desamparo. Apertei os dedos no pau da canoa. [...] “Carece de ter coragem...” – ele me disse. Visse que vinham minhas lágrimas? Dói de responder: – “Eu não sei nadar...” O menino sorriu bonito. Afiançou: – “Eu também não sei.” Sereno, sereno. [...]”*

Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*)

Na primeira página da publicação de seu artigo de 1955, John Ackrill assim apresentava ao leitor o texto que se seguiria: “Esta é a versão diminuída de um texto lido num colóquio [...]. O texto foi formatado para

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia.

provocar discussão; este fato pode ajudar a escusar alguns exageros e excessos de simplificação [...]” (1997, p. 72, nt. 1). Gostaria então de pedir a mesma indulgência ao meu leitor na leitura do presente artigo, fruto da apresentação no Simpósio Internacional da Sociedade Brasileira de Platonistas de 2015: ele foi feito para gerar diálogo. E pediria isso acrescentando ainda que, seja devido às limitações temporais próprias a uma apresentação oral, seja às dimensões inerentes a um curto artigo, a exposição dos problemas que aqui se seguirá será realizada de maneira extremamente sucinta... Mesmo: por tópicos.

Sobre esse modo de exposição escolhido, sou obrigado a reconhecer, ele é certamente inapropriado para o *objetivo* deste texto... Inapropriado porque o encontro da sinteticidade desse tipo de exposição, com a magnitude do meu objeto, inevitavelmente deixará muitas questões em aberto. Meu objetivo, de fato, não é nada modesto: identificar as características e condições que o texto do *Fédon* estabelece para o uso do dito “Método de Hipóteses”, bem como explicitar o sentido da expressão utilizada para qualificá-lo: “segunda navegação”<sup>2</sup>. Todavia, em que pese minha exposição sobre essa matéria ser mais “enxuta” do que seria desejável, ela é aquela que, dadas as mencionadas limitações, pode aqui ser realizada. Que sua sinteticidade possa ser aceita, então, no mínimo, enquanto saudável abertura e provocação ao

<sup>2</sup> Sobre o “Método de Hipóteses” no *Fédon*, portanto, não analisarei aqui o ‘conteúdo’ propriamente dito dele, mas apenas os seus aspectos ‘formais’.

pensar, à discussão em conjunto: *to dialegesthai*. Passemos então aos objetivos.

## I

### Características e condições para o “Método de Hipóteses” no *Fédon*

(1) *Fédon* 84c-d: [após Sócrates realizar uma explicação sobre a imortalidade e indestrutibilidade da alma, faz-se um silêncio entre os presentes; mas Sócrates percebe que Símiás e Cebes estão a conversar baixo entre si, e diz:]

τί; [...] ὑμῖν τὰ λεχθέντα μῶν μὴ δοκεῖ ἐνδοεῶς λέγεσθαι; πολλὰς γὰρ δὴ ἔτι ἔχει ὑποψίας καὶ ἀντιλαβὰς, εἴ γε δὴ τις αὐτὰ μέλλει ἰκανῶς διεξιέναι. εἰ μὲν οὖν τι ἄλλο σκοπεῖσθον, οὐδὲν λέγω: εἰ δὲ τι περὶ τούτων ἀπορεῖτον, μηδὲν ἀποκνήσητε καὶ αὐτοὶ εἰπεῖν καὶ διελεθῆν [...]

[SOC.] E então? A vós com certeza não parece que falta dizer algo às coisas que foram ditas? [literalmente: “que as coisas ditas precisam serem ditas”] Pois muitas [dessas] coisas ainda são suspeitas e pontos passíveis de ataque, se alguém quiser atravessá-las suficientemente. [...] Se algo dessas coisas causa aporia [a vós], nada de hesitar, é hora de falar e de explicar [...].

(Pl. *Phd.* 84c5-d1 - grifos nossos<sup>3</sup>)

<sup>3</sup> É cabível assinalar que todas as traduções apresentadas neste artigo, salvo disposição em contrário, são de minha autoria, e foram feitas propositalmente de modo o mais literal possível. Apesar das desvantagens óbvias – não-fluidez do texto em português, frases muito longas, e, às vezes, redundância – opto por este caminho porque entendo que, para a análise do conteúdo filosófico, o ganho valha a pena: observar a estrutura própria do texto grego, procurando evidenciar, na medida do possível, alguns “nós” que Platão deixou nele. Nesse sentido, por exemplo, quando a tradução de um termo aparecer com dois termos separados por barra inclinada (Ex: sólida/firme), isso significa que estou deixando em aberto duas traduções possíveis para um mesmo termo do texto original.

84e-85b: [Sócrates diz então que ele é como um cisne, um servo de Apolo, que possui um musical dom profético; fica sugerido que seu atual discursar é como o último canto dos cisnes perante a morte; após essa colocação, Símiias responderá:]

καλῶς [...] λέγεις [...] καὶ ἐγὼ τέ σοι ἐρῶ ὃ ἀπορῶ, καὶ αὐτὸς ὅδε, ἢ οὐκ ἀποδέχεται τὰ εἰρημένα. ἐμοὶ γὰρ δοκεῖ, ὦ Σώκρατες, περὶ τῶν τοιούτων ἴσως ὥσπερ καὶ σοὶ τὸ μὲν σαφὲς εἰδέναι ἐν τῷ νῦν βίῳ ἢ ἀδύνατον εἶναι ἢ παγχάλεπτόν τι, τὸ μέντοι αὐτὰ λεγόμενα περὶ αὐτῶν μὴ οὐχὶ παντὶ τρόπῳ ἐλέγχειν καὶ μὴ προαφίστασθαι πρὶν ἂν πανταχῆ σκοπῶν ἀπειπίη τις, πάνυ μαλθακοῦ εἶναι ἀνδρός: δεῖν γὰρ περὶ αὐτὰ ἔν γε τι τούτων διαπραξασθαι, ἢ μαθεῖν ὅπῃ ἔχει ἢ εὐρεῖν ἢ, εἰ ταῦτα ἀδύνατον, τὸν γοῦν βέλτιστον τῶν ἀνθρωπίνων λόγων λαβόντα καὶ δυσεξελεγκτότατον, ἐπὶ τούτου ὀχούμενον ὥσπερ ἐπὶ σχεδίας κινδυνεύοντα διαπλευσαι τὸν βίον, εἰ μὴ τις δύναται ἀσφαλέστερον καὶ ἀκινδυνότερον ἐπὶ βεβαιοτέρου ὀχήματος, ἢ λόγου θεοῦ τινός, διαπορευθῆναι. [...] ἐμοὶ γάρ, ὦ Σώκρατες, ἐπειδὴ καὶ πρὸς ἑμαυτὸν καὶ πρὸς τόνδε σκοπῶ τὰ εἰρημένα, οὐ πάνυ φαίνεται ἰκανῶς εἰρησθαι. [...] ἴσως γάρ [...] ὦ ἑταῖρε, ἀληθῆ σοὶ φαίνεται [...] οὐχ ἰκανῶς.

[SIM.] Falas belamente, Sócrates. Eu te direi aquilo que me deixa em aporia, e então este [sc. Cebes] [dirá] em relação ao que ele não aceita as coisas ditas. Pois a mim parece, e talvez também a ti, Sócrates, que o conhecer seguro<sup>4</sup> é, nesta vida, algo ou impossível ou completamente difícil; e que, sem o submeter ao exame de refutação por absolutamente todo modo as coisas ditas sobre estas coisas, e se desistir antes de investigá-las de todo jeito, quem [assim age] é um homem de ânimo mole. Pois é preciso sobre estas coisas realizar uma das seguintes [opções]: ou aprender de algum jeito, ou descobrir [por si mesmo], ou, se estas [forem] impossíveis, tomando dos *logoi* humanos aquele ao menos melhor e mais difícil de refutar, [é preciso] sobre ele deixar-se carregar, como se arriscando sobre uma jangada/bote navegar realizando a

travessia da vida, se acaso a ninguém for possível o de tudo mais seguro e sem risco: ser carregado através [da vida] sobre a embarcação mais sólida/firme: algum *logos* divino. [...] De fato, Sócrates, a mim as coisas ditas não pareceram completamente satisfatoriamente ditas.

[SOC.] Talvez, amigo, [seja] verdadeiro [o modo como te] pareceram [...] não suficientes.

(Pl. *Phd.* 85b10-e2 - grifos nossos)

96a-99c [na sequência, Sócrates vai narrar seu pretérito percurso sem sucesso atrás do conhecimento das causas, narrativa biográfica esta a qual, para meus objetivos, não interessa muito]

(2) 99c6-d3 [em seguida, o personagem do filósofo grego irá apresentar a sua alternativa para essa busca infrutífera, e retomará a metáfora náutica aludida acima por Símiias; a ligação e simetria entre as falas dos dois personagens é uma das poucas quase-unanimidades nos comentários ao *Fédon*<sup>5</sup>]

ἐγὼ μὲν οὖν τῆς τοιαύτης αἰτίας ὅπῃ ποτὲ ἔχει μαθητῆς ὅτουοῦν ἥδιστ' ἂν γενοίμην: ἐπειδὴ δὲ ταύτης ἐστερήθην καὶ οὐτ' αὐτὸς εὐρεῖν οὔτε παρ' ἄλλου μαθεῖν οἷός τε ἐγενόμην, τὸν δεύτερον πλοῦν ἐπὶ τῆς αἰτίας ζήτησιν ἢ πεπραγμάτευμαι βούλει σοὶ, ἔφη, ἐπίδειξιν ποιήσωμαι, ὦ Κέβης; ὑπερφυῶς μὲν οὖν [...] ὡς βούλομαι.

[SOC.] [...] Eu ficaria satisfeito que algo houvesse para ser aprendido de algum jeito desta causa; quando posto a adquiri-la, não vim nem a descobri-la sozinho, nem a aprender o que ela é de outra pessoa; desejos que eu realize uma exibição da "segunda navegação" que eu realizei com relação à busca da causa, Cebes?

[CEB.] Com certeza que desejo.

(Pl. *Phd.* 99c6-d3 - grifos nossos)

99e4-100d9 [Sócrates então expõe seu

<sup>4</sup> Cf. sentido de "saphes" num contexto mântico, contexto esse expressamente afirmado no *Fédon* pela referência à adivinhação e a Apolo, 4 linhas acima no texto. Cf. LINDELL-SCOTT, 1996, p. 1587; cf. também S. OC v.623.

<sup>5</sup> Cf. ROBINSON, 1941, p. 145; DORTER, 1982, p. 127; BURGER, 1984, p. 104; 147-148; SHIPTON, 1979, p. 34; 37; 38-39; FISCHER, 2002, p. 651, nt. 4; 652; 657; 677

## Método de Hipóteses:]

ἔδοξε δὴ μοι χρῆναι εἰς τοὺς λόγους καταφυγόντα ἐν ἐκείνοις σκοπεῖν τῶν ὄντων τὴν ἀλήθειαν. ἴσως μὲν οὖν ὧς εἰκάζω τρόπον τινὰ οὐκ ἔοικεν: οὐ γὰρ πάνυ συγχωρῶ τὸν ἐν τοῖς λόγοις σκοπούμενον τὰ ὄντα ἐν εἰκόσι μᾶλλον σκοπεῖν ἢ τὸν ἐν τοῖς ἔργοις. ἀλλ' οὖν δὴ ταύτη γε ὡρμησα, καὶ ὑποθέμενος ἐκάστοτε λόγον ὃν ἂν κρίνω ἐρρωμενέστατον εἶναι, ἃ μὲν ἂν μοι δοκῆ τούτῳ συμφωνεῖν τίθημι ὡς ἀληθῆ ὄντα, καὶ περὶ αἰτίας καὶ περὶ τῶν ἄλλων ἀπάντων ὄντων, ἃ δ' ἂν μὴ, ὡς οὐκ ἀληθῆ. βούλομαι δὲ σοι σαφέστερον εἰπεῖν ἃ λέγω: οἴμαι γὰρ σε νῦν οὐ μανθάνειν.

οὐ μὰ τὸν Δία [...] οὐ σφόδρα. ἀλλ', ἢ δ' ὅς, ὡδε λέγω, οὐδὲν καινόν, ἀλλ' ἄπερ αἰεὶ τε ἄλλοτε καὶ ἐν τῷ παρεληλυθότι λόγῳ οὐδὲν πέπαυμαι λέγων. ἔρχομαι γὰρ δὴ ἐπιχειρῶν σοι ἐπιδείξασθαι τῆς αἰτίας τὸ εἶδος ὃ πεπραγμάτευμαι, καὶ εἶμι πάλιν ἐπ' ἐκεῖνα τὰ πολυθρύλητα καὶ ἄρχομαι ἀπ' ἐκείνων, ὑποθέμενος εἶναί τι καλὸν αὐτὸ καθ' αὐτὸ καὶ ἀγαθὸν καὶ μέγα καὶ ἄλλα πάντα: ἃ εἴ μοι διδῶς τε καὶ συγχωρεῖς εἶναι ταῦτα, ἐλπίζω σοι ἐκ τούτων τὴν αἰτίαν ἐπιδείξειν καὶ ἀνευρήσειν ὡς ἀθάνατον ἢ ψυχῆ.

ἀλλὰ μὴν [...] ὡς διδόντος σοι οὐκ ἂν φθάνοις περαίνων.

σκόπει δὴ [...] τὰ ἐξῆς ἐκείνοις ἐάν σοι συνδοκῆ ὡσπερ ἐμοί. φαίνεται γὰρ μοι, εἴ τί ἐστιν ἄλλο καλὸν πλὴν αὐτὸ τὸ καλόν, οὐδὲ δι' ἐν ἄλλο καλὸν εἶναι ἢ διότι μετέχει ἐκείνου τοῦ καλοῦ: καὶ πάντα δὴ οὕτως λέγω. τῇ τοιαύτῃ αἰτία συγχωρεῖς; συγχωρῶ [...].

[...] οὐ γὰρ ἔτι τοῦτο διισχυρίζομαι, ἀλλ' ὅτι τῷ καλῷ πάντα τὰ καλὰ γίνονται καλά. τοῦτο γὰρ μοι δοκεῖ ἀσφαλέστατον εἶναι καὶ ἑμαυτῷ ἀποκρίνασθαι καὶ ἄλλῳ [...].

[SOC.] [...] Pareceu-me ser necessário, em buscando refúgio nos *logoi*, neles procurar a verdade dos entes. Talvez isto, de algum, jeito, não pareça com aquilo que eu imagino; pois nem eu concordo completamente com investigar o que é buscado dos entes em imagens, nos *logoi*, mais do que [buscar] nos atos/coisas concretas. Mas meu ímpeto está nisto: hipotetizando em cada ocasião o *logos* que eu decido ser o mais forte, as coisas que porventura me parecerem em consonância/concórdia com ele considero como sendo verdadeiras, as que por acaso não [me parecerem em consonância com ele considero] como não verdadeiras, seja acerca de causa seja acerca de todas as outras coisas. Vou dizer aquilo que digo com mais clareza para ti, pois acho que

agora tu não entendes.

[CEB.] Não, por Zeus, não completamente. [SOC.] Mas o que estou dizendo não é nada novo, mas o que sempre e em outras ocasiões e na discussão passada eu acabo falando. Pois vou tentar mostrar a ti o tipo de causa que realizei, e estou de volta àquelas coisas já muito faladas. E inicio por elas mesmo: hipotetizando existir algo em si e por si belo e [em si e por si] bom e [em si e por si] grande, e todas as outras coisas. Se estas coisas deres/garantires a mim e concordares que elas existem, tenho esperança de exibir/demonstrar para ti a causa a partir destas coisas e descobrir como a alma é imortal.

[CEB.] Com certeza que te é garantido isso.

[SOC.] Observa se por ventura a ti também parece, quanto às coisas que se seguem daquelas, serem como são para mim. Pois parece-me que, se há alguma outra coisa bela que não o belo em si, isso é assim não devido a algo outro belo que não devido ao participar naquele belo [em si]; e do mesmo jeito para todas as coisas que eu disse. Concordas com esta causa?

[CEB.] Concordo.

[...]

[SOC.] [...] Pois não sustento com veemência outra coisa que não isto: que todas as coisas belas vêm a ser belas numa relação com o belo [em si]. Pois isto parece-me ser o mais seguro a responder, seja para mim seja para outra pessoa. [...] (Pl. *Phd.* 99e4-100d9 - grifos nossos)

[100e8-106d9: a discussão segue então com a “demonstração”: a partir das premissas assumidas, a imortalidade da alma supostamente é demonstrada]

(3) 107a2-b6: [após a realização dessa “demonstração”...]

οὐκουν ἐγωγε, ὧς Σώκρατες [...] πῆ ἀπιστεῖν τοῖς λόγοις. [...]

ἀλλὰ μὴν [...] οὐδ' αὐτὸς ἔχω ἔτι ὅπῃ ἀπιστῶ ἐκ γε τῶν λεγομένων: ὑπὸ μέντοι τοῦ μεγέθους περὶ ὧν οἱ λόγοι εἰσίν, καὶ τὴν ἀνθρωπίνην ἀσθένειαν ἀτιμάζων, ἀναγκάζομαι ἀπιστίαν ἔτι ἔχειν παρ' ἑμαυτῷ περὶ τῶν εἰρημένων.

οὐ μόνον γ', [...] ὧς Σιμμία [...], ἀλλὰ ταῦτά τε εὖ λέγεις καὶ τάς γε ὑποθέσεις τὰς πρώτας, καὶ εἰ πισταὶ ὑμῖν εἰσίν, ὅμως ἐπισκεπτέαι σαφέστερον [...].

[CEB.] Eu, pelo menos, Sócrates, [...] não

tenho nada a duvidar com relação a estes argumentos<sup>6</sup>.

[SIM.] Muito menos eu poderia duvidar, depois dessas coisas ditas. Mas, apesar disso, devido à magnitude das coisas acerca das quais [estes] *logoi* são, e considerando em não alta estima a fraqueza humana, sou obrigado ainda, no meu íntimo, a desconfiar/duvidar das coisas que foram ditas.

[SOC.] Falas corretamente não apenas em relação a estas coisas, Símiás, mas também em relação àquelas hipóteses/premissas anteriores: ainda que sejam, aos vossos olhos, confiáveis, é preciso do mesmo jeito examiná-las a fundo e de modo mais claro/seguro<sup>7</sup>.

(Pl. *Phd.* 107a2-b6 - grifos nossos)

## II

### Expressão “segunda navegação”: esboço da querela entre os comentadores

Sem dúvida alguma, a ocorrência dessa expressão em *Phd.* 99c9-d1 é uma das passagens mais debatidas do *corpus platonicum*. Nesse sentido, o rápido esboço que vou traçar aqui, do *status quo* da discussão na literatura secundária, está longe de pretender ser exaustivo; limitar-me-ei a apresentar algumas das principais posições de cuja existência possuo conhecimento.

<sup>6</sup> Apesar de ter sido dito no passo *Phd.* 77a-b que Cebes é “o homem mais obstinado em relação ao desconfiar dos *logoí*”, vemos que, em 107a-b, não é ele, mas sim Símiás quem ainda manifestará uma derradeira desconfiança quanto às conclusões da discussão...

<sup>7</sup> Tendo em vista esta colocação posterior de Sócrates, que legitima a desconfiança de Símiás, talvez possamos recalibrar uma fala anterior do mesmo personagem para Cebes, e não considerá-la como uma crítica, como ela parecia ser naquela ocasião: “Sempre tu, Cebes, estás a buscar/investigar alguns *logoí*, estando completamente não inclinado a confiar de pronto (*eutheos peithesthai*) no que alguém [te] disse” (Pl. *Phd.* 63a1-5, grifos nossos).

Burger (1984, 254, nt. 26), Gallop (2002, p. 176) e Fischer (2002, p. 675) afirmam que a expressão “segunda navegação” (*deuteros plous*) tem dois significados possíveis em grego: pode significar, no ato de navegar, o uso de remos quando o vento para [sentido este, segundo Burger (1984, 254, nt. 26) legado pelo fr. 241 do poeta cômico Menandro], ou, pode significar, em geral, um segundo modo, mais seguro, de realizar alguma coisa [sentido este, segundo Burger (1984, 254, nt. 26) sugerido pelo comentário do escoliasta a essa expressão no *corpus*]. Gallop afirma ainda que, desses sentidos, “o primeiro [...] é bem atestado” (2002, p. 176), mas não afirma nada nesse sentido acerca do segundo. Fischer (2002, p. 675, nt. 62) repete a menção ao fragmento de comédia, acrescentando a ela a referência ao *Corpus Paroemiographorum Graecorum*; contudo, essa coletânea de provérbios não chega a oferecer explicações sobre o significado dos mesmos.

Com relação ao uso específico da expressão para caracterizar o Método de Hipóteses em *Fédon* 99c9-d1, Burger (1984, p. 150-151; 154; 254, nt. 26 e 27) e Dixsaut (1991, p. 139-140) assumem abertamente o segundo dos sentidos apresentados acima: um modo “mais seguro” para a realização de algo. Posição análoga a essa é a de Robin (1934, p. XLVIII), Burnet (*apud* FISCHER, 2002, p. 676, nt. 66) e Robinson (1941, p. 110): embora apontem que o sentido próprio da expressão é a “falta de segurança”, tais comentadores acusam um uso “irônico” para a mesma nessa passagem do *Fédon*. Em

sentido inverso encontram-se Hackforth (1972, p. 137, *apud* FISCHER, 2002, p. 675) e Shipton (1979, p. 50, nt. 11 e nt. 15), para os quais a expressão veicula o oposto: uma noção de forte “insegurança”<sup>8</sup>.

Com relação aos dois sentidos supramencionados (o uso de remos quando o vento para, e um segundo modo, mais seguro, de realizar alguma coisa), sou obrigado a dizer que os comentaristas que os expõem, fazendo estes sentidos aparecerem como uma dupla de alternativas, “perderam o ponto” próprio à expressão *deuteros pλους*. A expressão é na verdade um provérbio, uma expressão metafórica difundida como provérbio. E, como toda metáfora, ela apresenta uma “imagem”, imagem esta a qual estava presa, na linguagem da época, a um significado. Portanto, a imagem náutica dos remos é a própria metáfora da expressão, o que não exclui a existência de um significado ulterior e mais geral para a mesma. Isto é, aos meus olhos, o problema da apresentação, num esquema de duas alternativas, desses dois “sentidos” – apresentação esta realizada, como mencionei, por Burger (1984, 254, nt. 26), Gallop (2002, p. 176) e Fischer (2002, p. 675) – é que tal apresentação justamente sugere uma tal autoexclusão entre as duas coisas. Como explicarei abaixo, a náutica imagem proverbial, e seu significado na cultura da época, são duas coisas que coexistiam sem problemas.

<sup>8</sup>Sobre a ausência de obrigação de ver, na insegurança denunciada no método, um sinal de que ele é próprio à misologia e não à filosofia, cf. DORTER, 1982, p. 89.

### III

#### Explicação da expressão “segunda navegação”: imagem, sentido e usos

A primeira pergunta que poderia ser lançada contra mim é: por que eu grifei com aspas essa expressão chave do texto? A resposta é simples, e na verdade até já a adiantei acima: porque é uma expressão metafórica e proverbial do idioma grego da época. Vejamos:

1) conforme já apontado pelos comentaristas, a descrição desta imagem ou metáfora está num fragmento da comédia perdida *Thasyleon*, de Menandro:

ὁ δεύτερος πλοῦς ἐστὶ δῆπου λεγόμενος,  
 ἂν ἀποτύχη τις οὐρίου, κώπαισι πλεῖν.  
 a "segunda navegação" é sem dúvida o ditado de, se acaso a alguém ocorrer parar o vento, navegar com os remos.  
 (Men. fr. 241K - grifos nossos)

2) já a explicação do significado desse provérbio está, entre outros lugares, nos *Scholia Graeca in Platonem*, no comentário do escoliasta à ocorrência dessa mesma expressão em *Filebo* 19c2-3 (comentário este o qual, por seu turno, corresponde ao fragmento 228 de Menandro):

19c2-3 δεύτερος... πλοῦς] παροιμία "δεύτερος πλοῦς": ἐπὶ τῶν ἀσφαλῶς τι πραπτόντων, παρ' ὅσον οἱ διαμαρτόντες κατὰ τὸν πρότερον πλοῦν ἀσφαλῶς παρασκευάζονται τὸν δεύτερον. μέμνηται ταύτης Πλάτων καὶ ἐν Φαίδωνι [...] καὶ Ἀριστοτέλης ἐν τῷ Β' τῶν Ἠθικῶν [...] καὶ Μένανδρος Κεκρυφάλῳ [...] καὶ Πλοκίῳ [...] καὶ Θεοφορουμένη [...]

19c2-3 *segunda... navegação*] provérbio "segunda navegação": com relação ao fazer alguma coisa de modo seguro/infalível, paralelamente a este modo, aqueles que falham em obter a segurança/infalibilidade da primeira navegação se preparam para a segunda. Platão se recorda disso também no *Fédon* [...], e Aristóteles no [livro] B' da *Ética* [...], e Menandro no *Kekryphalos* [...] e no *Plokios* [...] e na *Theophoroumene* [...]. (SCHOL. PLAT. 381 BEKK. = Men. fr. 228 - grifos nossos)

3) os outros usos dessa expressão proverbial realizados por Platão (*Phlb.* 19c; *Plt.* 300c), bem como os de Aristóteles (*EN* 1109a36; *Pol.* 1284b19), mencionados no comentário acima, não podem deixar de ser pontos passíveis de debate. Isto porque, de um lado, conforme eu já disse, muitas são as acusações, pelos comentadores, de que personagens platônicos estariam sendo irônicos nesses usos (por exemplo, ROBIN, 1934, p. XLVIII; BURNET, *apud* FISCHER, 2002, p. 676, nt. 66; ROBINSON, 1941, p. 110). E, de outro lado, nós, leitores modernos, não possuímos aquilo com que o autor ateniense e o estagirita já contavam que seu público leitor, contemporâneo deles, possuísse: um completo conhecimento e familiaridade com o significado do provérbio. E este talvez seja mesmo o principal motivo dessa querela em relação ao tema: ao contar com essa familiaridade em seus leitores, esses dois autores usaram a expressão "segunda navegação" não só sem explicá-la, mas, na verdade, usaram-na para explicar outras afirmações suas. E um eventual demorar-se sobre cada uma dessas passagens, obviamente, pela dificuldade de interpretação, desviaria muito meu presente

texto de sua rota... Nesse sentido, muito mais útil parece ser buscar, em outro autor, uma utilização do provérbio que seja mais detalhada, e num contexto extremamente mais simples, menos sujeito a disputa, e que permita, assim, iluminar o sentido que o ditado tinha na cultura corrente da época. Lembrado então por Shipton (1979, p. 51, nt. 15), um exemplo bem mais luminoso de uso da expressão "segunda navegação" pode ser encontrado no livro VIII das *Histórias* de Políbio. A citação é longa, mas vale o custo; o contexto é o da relação entre os estados e a guerra:

[...] Enquanto, portanto, nós devemos censurar aqueles que descuidadosamente colocam a si mesmos à mercê do inimigo, nós devemos não culpar aqueles que tomam todas as precauções possíveis. Porque é completamente impraticável não confiar em ninguém, e nós não devemos buscar faltas em alguém que agiu segundo os ditames do *logos*, após receber as garantias adequadas. Estas garantias são juramentos, manter esposas e filhos como reféns, e acima de tudo a vida passada da pessoa em questão. Logo, ser traído e arruinado nessas condições acarreta reprovação não para quem sofre, mas apenas para o autor do ato [da traição]. O melhor sendo assim buscar tais garantias, tanto como tornar, ao homem em quem se confia, impossível quebrar sua palavra. Contudo, uma vez que estas coisas raramente podem ser obtidas, a "segunda navegação" (*deuteros [...] plous*) seria tomar precauções razoáveis, porque se nossas expectativas forem desapontadas, nós podemos ao menos não falhar em ser perdoados pela opinião pública. (Plb. 8, 36, 2, 1-6 – Tradução de W. R. Paton, com modificações – grifos nossos)

Dadas todas estas explicações do contexto dessa citação do historiador, o sentido da expressão *deuteros plous* aparece assim de modo cristalino e em plena consonância com a supracitada explicação

do escoliasta (3) sobre seu sentido no *Filebo*: o melhor seria a garantia total, um caminho no qual o fracasso seria impossível. Entretanto, dado que essa absoluta segurança é raríssima, quase impossível de ser alcançada, é preciso contentar-se com uma opção “não-tão-boa-mas-disponível”, isto é, com a “segunda navegação”. A expressão metafórica e proverbial representa, nesse sentido, o caminho que, ainda que sem a total garantia desejável, é o caminho possível de se seguir. E para isso gostaria de chamar atenção do meu leitor: é fundamental, para pensar o Método de Hipóteses no texto do *Fédon*, nunca perder de vista esse significado: o provérbio “segunda navegação”, no grego corrente da época, equivalia a provérbios brasileiros tais como “quem não tem cão caça com gato” ou “para quem está morrendo afogado, jacaré é boia”. Em inglês, tal sentido é veiculado pela expressão “*second-best*”, e, em francês, pela “*pis-aller*”; e, por isso mesmo, parece satisfatório o uso dessas expressões como traduções, nas línguas contemporâneas, da expressão do grego antigo.

Ratificando, então, este ponto: a despeito das alegações dos grandes comentadores, que eu mencionei acima, sobre a ocorrência dessa expressão no *Fédon*, trata-se o *deuteros plous* de um modo inseguro de fazer alguma coisa, que, longe de ser o modo ideal, melhor e mais desejado, é o único disponível no momento para esta realização. Este entendimento, conforme procurei mostrar, está presente em todas referências apresentadas à expressão: fragmento 241K de Menandro; o comentário

dos *Scholia a Filebo* 19c (= fragmento 228 de Menandro); o trecho 8.36.2 de Políbio; bem como as passagens citadas no início do meu texto do *Fédon* (85c-d, 99c-102b e 107a-b). Nesse sentido, o uso de Sócrates desse provérbio em *Phd.* 99c9-d1 não só retoma a metáfora do navegar, como está plenamente de acordo com a imagem da frágil e insegura jangada utilizada por Símiás (85c-d). Uma insegura e frágil jangada: esta é a metáfora usada no *Fédon* – inicialmente por Símiás, e depois reforçada proverbialmente por Sócrates - para a quiçá única possível<sup>9</sup> busca de conhecimento disponível a nós, humanos, para realizar a travessia da vida.

#### IV

#### **Resumo do quadro que foi traçado no *Fédon*:**

Podemos então extrair do texto do diálogo as seguintes afirmações: sobre certos assuntos<sup>10</sup>....

...A) o conhecer com segurança é ou impossível, ou completamente difícil de alcançar...

...& é preciso submeter de absolutamente todos os modos possíveis os argumentos sobre tais assuntos a exame de refutação, bem como não desistir antes deste exame

<sup>9</sup> Cf. BURGER, 1984, p. 147.

<sup>10</sup> As colocações de Símiás sobre o conhecimento como “jangada humana” (Pl. *Phd.* 85c-d) são expressamente acerca das questões em torno à alma, as quais foram recém trabalhadas por Sócrates no diálogo; entretanto, a afirmação mais à frente de Sócrates (“seja acerca de causas, seja acerca de todas as outras coisas”, 100a5-6) deixa claro um possível uso em tese universal do método delineado.

completo [isto parece ser um meio de averiguar se os *logoi* disponíveis correspondem a um conhecimento claro e seguro: noção de “teste”]

...B) [condições para o uso do Método de Hipóteses (qualificado como uma “2ª. Navegação”, isto é, como um caminho alternativo e de sucesso incerto):]

B.1) SE não for possível o conhecer mais seguro, mais sem risco, mais sólido/firme de tudo (que se dá através algum *logos* divino)<sup>11</sup>

B.2)

B.2.1) SE não for possível aprender com alguém

B.2.2) SE não for possível descobrir sozinho<sup>12</sup>

B.2.3) ENTÃO só resta o Método Hipotético, que é uma “Segunda Navegação”:

tomar dos *logoi* humanos o melhor e mais difícil de refutar<sup>13</sup> e assumir os riscos de

<sup>11</sup> Ao separar, em minha exposição, B.1 de B.2.1 e B.2.2, estou deixando claro minha não aquiescência com relação à mútua implicação necessária que Shipton vê entre a revelação divina e o aprender ou descobrir sozinho (1979, p. 36; 50, nt. 8; 51, nt. 19). Pela forma como está disposto, o texto grego em *Phd.* 85c7-d4 pode ser interpretado como não tornando impossível esta mútua implicação; mas esta interpretação está longe de ser necessária. E o reaparecimento em 99c6-9 do “aprender” e do “descobrir”, referindo-se a discursos humanos e sem nenhuma menção a *logoi* divinos, aponta para o fato de que esta interpretação do comentador não é “a mais forte”.

<sup>12</sup> Shipton (1979, p. 39) parece ter bem notado que o esquema de alternativas (“aprender”, “descobrir sozinho”, etc: *Phd.* 85c7-9; 99c8-9) pode ser lido como uma filosófica corruptela platônica de Hes. *Op. vv.* 293-297.

<sup>13</sup> Cabe aqui demarcar minha absoluta discordância com a leitura que Burger empreende (1984, p. 104) desse *logos* humano escolhido entre os outros como sendo “irrefutável”. O termo empregado por Símias no superlativo é *dysexelenktos*, cujos únicos significados registrados pelo *Lindell-Scott Journal* é “difícil de refutar” (sentido primário) e “difícil de descobrir” (sentido derivado). A distância entre o sentido do

atravessar a vida sobre ele....

[características desse método:]

1) ...investigando o que é buscado dos entes nos *logoi*, por imagens<sup>14</sup>;

2) ...hipotetizando em cada ocasião o *logos* que eu decido ser o mais forte e tomá-lo como critério de verdade: o que concorda com ele (o que decorre<sup>15</sup> dele) considero como verdadeiro, o que não, não;

---

termo e o sentido atribuído pelo comentador parece enorme: um diamante indiscutivelmente é “difícil de destruir”, embora indiscutivelmente não seja “indestrutível”.

<sup>14</sup> Isto é, *contra* Fischer (2002, p. 658), entendo que o texto da passagem não só não oponha “nos *logoi*” a “por imagens” (ou “em imagens”), como na verdade ‘acumule’ essas duas determinações para o método traçado: “[...] ou gar pany synchoro ton **en [tois] logoi** skopoumenon ta ónta **en eikosi** [...] skopein [...]” (100a1-2, grifos nossos).

<sup>15</sup> Lendo assim “*symphonein*” (*Fédon* 100a5) junto com “*sympbanei*” (80b1) e com “*ta hexes ekeinois*” (100c3), e aceitando a sugestão de solução de Burger (1984, p. 255-256, nt. 33) para as dificuldades levantadas por Robinson (1941, p. 131-134). Dixsaut (1991, p. 142), por seu turno, exclui essa leitura, interpretando “*symphonein*” apenas como “estar de acordo” - embora não justifique bem os motivos da decisão -, ao passo que Sayre (1969, *apud* Lacey (1970)) aponta para a ambiguidade de o termo abarcar ambos os sentidos (“estar de acordo com” e “decorrer de”). Cumpro informar que talvez as linhas 101d4-5 do diálogo (“*an ta aph' hormethenta skepsaio ei soi allelois symphonei è diaphonei*”) pudessem dar lugar (mas não necessariamente) a uma interpretação de “*symphoneo*” diferente da minha, como a de Dixsaut; conquanto, Burger não entende que isso seja possível (1984, p. 257-258, nt. 45). Fischer (2002, p. 668-671), em seu parecer, parece ser feliz na arguição de que o sentido do verbo não é o mesmo nas duas passagens (100a e 101d), o que poderia ser usado na defesa do meu entendimento de que, na primeira delas, o contexto todo do vocabulário relativo às premissas e ao “hipotetizar” permite ler “consoar com” como “seguir-se de”, “decorrer de”. Cf. também ROSS, 1953, p. 29 (“[...] isto é, as conclusões que se seguem disso [...]”); e DORTER, 1982, p. 131 (“[...] após designar como verdadeiro o que harmonizou (i.é, suas consequências) [...]”).

Aqui é cabível explicitar como esse “hipotetizar” aparece no texto do *Fédon*: Sócrates parte de três postulações ou *homologias* prévias<sup>16</sup>, para chegar a uma conclusão, a saber:

- i) existência das Formas (100b5-c2)
- ii) Regra de Causalidade ontológica (“participação”)<sup>17</sup> (100c4-102a9)
- iii) o Argumento dos Contrários (102b5-105c8)

logo [supostamente decorre]:

- iv) a imortalidade da alma (105c10-106d9)

3) ...MAS a magnitude desses assuntos, e a fraqueza humana, exigem que sempre se desconfie dos *logoi* e das hipóteses, no mínimo enquanto não submetidos a profundo exame de certeza/segurança<sup>18</sup>.

<sup>16</sup> A ideia de *homologia* é recorrente nos diálogos, como um passo necessário para o encaminhamento das discussões, sendo o termo normalmente traduzido por “concordia”, “acordo”. Mas, dado todo o contexto do “considerar que” ou “hipotetizar”, do *Fédon*, a expressão de Burger (1984, p. 149) para este termo grego, “base requerida”, convenhamos, não precisa ser rejeitada.

<sup>17</sup> Apesar de concordar com Dorter (1982, p. 129) que as colocações sobre a “participação” em 100c4-d9 não são “uma nova assunção”, no sentido de algo novo que é introduzido na discussão nesse momento – posto que tais afirmações já estavam presentes de certo modo desde o passo 74d -, eu entendo, em discordância do comentador (p. 129), que a colocação da “participação” (100c4-d9) seja uma afirmativa hipotética (uma “hipótese”) que, junto com a afirmação da existência das Formas, e outras, forma o núcleo da chamada “Hipótese das Formas” *lato sensu* (vulgo “Teoria das Ideias”) nos diálogos platônicos. Isto é, minha discordância com Dorter é: entendo que uma dessas assertivas forme o núcleo da Hipótese das Formas “junto com” a outra assertiva, não necessariamente uma assertiva estando “pressuposta” na outra, como quer o comentador (1982, p. 130).

<sup>18</sup> Como bem notado por Dorter (1982, p. 161),

## V

### Considerações Finais

*Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo!  
Enxerguei os confins do rio, do outro lado.  
Longe, longe, com que prazo se ir até lá?  
Medo e vergonha. A aguagem bruta,  
traíçoeira – o rio é cheio de baques, modos  
moles, de esfrio, e uns sussurros de  
desamparo. Apertei os dedos no pau da  
canoa. [...]*

Dizia eu, no início, que a conformação e os inerentes limites do meu texto, inevitavelmente deixariam muitas questões abertas à discussão e ao pensamento. E que o objetivo da presente comunicação era apresentar, no *Fédon*, as características e condições do Método de Hipóteses<sup>19</sup>, bem

---

não há, na passagem 107a-b, uma afirmação da parte de Sócrates de falsidade ou inconsistência dos *logoi* e hipóteses trabalhados no diálogo: há apenas um reconhecimento da legitimidade da falta de certeza de Símiias nessas coisas, bem como o reconhecimento da necessidade de maiores e ulteriores exames acerca das mesmas. Sócrates, assim, reafirma a necessidade de não interromper a pesquisa antes de realizar um exame de todos os modos acerca dos argumentos – necessidade que Símiias destacara em 85c4-6.

<sup>19</sup> Assinalando portanto minha posição de que a “Segunda Navegação” no *Fédon* é, antes de alguma(s) “tese(s)” em específico, um “método” em geral: em cada ocasião, hipotetizar e tomar o *logos* humano que pareça mais forte, investigando as consequências dele (100a). As afirmações (“teses”) sobre as Formas que aparecerão na sequência do diálogo (100b-102a) parecem-me ser sobretudo exemplos de *conteúdo* de *logoi* hipotetizados e exemplos de *conteúdo* das consequências que se seguem deles. Isto é, são exemplos de possíveis usos do “Método de Hipóteses”, enquanto método em geral, não sendo assim a “Segunda Navegação” propriamente dita. Conforme mencionei acima, pesa a favor dessa minha interpretação a afirmação de Sócrates de que o método explanado pode ser usado na investigação “seja acerca de causas, seja acerca de todas as outras coisas” (100a5-6); poderia ser usado então para assuntos não necessariamente eidéticos. Aproximo-me, assim, da posição de Donald Ross

como explicitar o sentido da expressão usada para qualificá-lo, “segunda navegação”.

Eis que agora, cumprido esse objetivo, vemos que aquele meu aviso, ao leitor, na abertura, encontra muita consonância com as características do próprio método descrito no *Fédon*. Pois, conforme resplandeceu em todas as referências usadas, bem como no ditado que o caracteriza, esse método tem como principal traço a insegurança, a incerteza, e o não alcance de uma verdade definitiva para os problemas que aborda. Todavia, as consequências de admitir essa avassaladora evidência retirada dos textos analisados não poderão ser aqui investigadas: elas extravasam o tempo e as dimensões a que estamos sujeitos. O que poderia querer significar Platão com esta falta, esta incompletude, esta fragilidade do argumentar sobre certos assuntos? Pretenderia o fundador da Academia, com isso, apontar

---

sobre este ponto (1982, p. 24, *apud* FISHER, 2002, p. 654), afastando-me de Shorey (1933, p. 179, *apud* FISHER, 2002, p. 653) e Dixsaut (1991, p. 140). Dorter também diferencia a explanação do “método” em geral da exposição de um argumento específico ventilado através do uso deste método (1982, p. 89; 126-128). O Método das Hipóteses seria “antes um projeto” de investigação do que um conjunto de “respostas acabadas” (*idem*, p. 90). Shipton, sobre o caso, parece entendê-lo de um modo, ainda que não totalmente díspar, diferente: para ele, não seria a resposta alcançada o que é considerado de antemão definido, mas sim a resposta buscada (ou seja, a pergunta): “a *deuteros plous* [...] não se refere a uma noção específica [...]. A *deuteros plous* [...] é ainda [...] um perguntar pela causa teleológica (1979, p. 40). Aproveito o ensejo para dizer que não vejo a incompatibilidade entre a aceitação deste modo de proceder como um “método” e a noção de *anamnesis*, incompatibilidade essa inicialmente alegada, e posteriormente nuançada, por Fischer (2002, p. 665-666; 674, nt. 60).

para algum ensinamento secreto, longe de suas obras escritas<sup>20</sup>? Ou pretenderia apontar, antes, para a fraqueza da não divina condição humana? Melhor: apontar para que, apesar dessa fraqueza, nossa condição é a obrigação do perene ir-atrás, da ininterrupta busca<sup>21</sup> – apesar dos pesares? Isto é, “em mato sem cachorro” (“aporia?”), “caçar com o gato que se tem”: é esta a tarefa, a necessidade de empenho, da filha (como o Amor) da Penúria e do Abundante, a filosofia<sup>22</sup>. Afinal, ainda que se tornar um completo *sophos* fosse algo possível apenas ao deus (*Phdr.* 278d2-7), amar a *sophia* e esforçar-se para mover-se em sua direção certamente ainda seria algo possível aos humanos, a despeito da insegurança e da falta de garantias em alcançá-la. Uma vida de esforço de busca, este personagem também ensinou aos seus companheiros, parece já ser melhor do que uma vida de preguiça ou completa desesperança (*Men.* 81d5-e2). E, nesse sentido, então, o silêncio de Sócrates nos diálogos, a incompletude daquelas discussões perante certos assuntos, poderia ser, acima de tudo, o convite, o chamado<sup>23</sup>, dos homens, para o contínuo pensar, para o incansável

---

<sup>20</sup> Como querem os maiores expoentes da assim chamada Escola de Tübingen-Milão. A título de exemplo: KRÄMER, 1959; GAISER, 1980, REALE, 1997; SZLEZÁK, 2009.

<sup>21</sup> Importante demarcar que eu não vejo a aparente autoexclusão que Burger (1984, p. 158) vê entre a contínua busca pelo conhecer, própria ao “genuíno filósofo”, e a assunção da insegurança e incompletude da “Segunda Navegação”. Cf. também DORTER, 1982, p. 134; 138; 140.

<sup>22</sup> Cf. *Pl. Smp.* 203d-204b.

<sup>23</sup> Cf. BURGER, 1984, p. 111.

questionar... para a travessia da vida<sup>24</sup>  
enquanto e como: filosofar:

τί; [...] ὑμῖν τὰ λεχθέντα μῶν μὴ δοκεῖ  
ἐνδεῶς λέγεσθαι;

[...]

καὶ ἄμ' εἰπῶν [...] μάλα εὐχερῶς καὶ  
εὐκόλως ἐξέπειν. [...] κατεκλίνη ὕππιος [...] ἤδη οὖν σχεδόν τι αὐτοῦ ἦν τὰ περὶ τὸ  
ἦτρον ψυχόμενα, καὶ ἐκκαλυψάμενος —  
ἐνεκεκάλυπτο γάρ—εἶπεν—ὃ δὴ τελευταῖον  
ἐφθέγγατο:

ᾧ Κρίτων, ἔφη, τῷ Ἀσκληπιῷ ὀφείλομεν  
ἀλεκτρούνα: ἀλλὰ ἀπόδοτε καὶ μὴ  
ἀμελήσητε.'

ἀλλὰ ταῦτα [...] ἔσται [...]. ἀλλ' ὄρα εἴ τι  
ἄλλο λέγεις.

ταῦτα ἐρομένου αὐτοῦ οὐδὲν ἔτι ἀπεκρίνατο  
[...] ὁ Κρίτων συνέλαβε τὸ στόμα καὶ τοὺς  
ὄφθαλμούς.

[SOC.] E então? A vós com certeza não  
parece que falta dizer algo às coisas que  
foram ditas? [literalmente: “que as coisas  
ditas precisam serem ditas”]

[...]

E em seguida, sem relutar [...] bebeu [a  
cicut] até o fim. [...] Deitou-se de costas  
[...] [Sócrates] já tinha se tornado rijo e frio  
em quase toda a região inferior do ventre,  
quando descobriu a face [...] e disse estas  
palavras, as últimas que pronunciou:

[SOC.] Crítton, devemos um galo a  
Asclépio; não te esqueças de pagar a  
dívida.

[CRI.] Assim farei [...]. Mas veja se não tem  
alguma outra coisa [ainda] a dizer?

Esta pergunta [...] ficou sem nenhuma  
resposta. [...] Crítton cerrou sua boca e  
seus olhos.

(*Pl. Phd.* 84c5-6; 117c3-118a14 – Tradução  
de J. Paleikat e J. C. Costa, com  
modificações - grifos nossos)

Tal como Diadorim atravessando, em  
frágil canoa, o bravio e caudaloso São  
Francisco, Sócrates estava: sereno, sereno...

\*\*\*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>24</sup> Sobre a relação, no texto do *Fédon*, do “Método de Hipóteses” com a noção de “travessia da vida”, Dixsaut também está de acordo: “[...] Posto que postular este modo de ser supõe uma conversão radical da maneira de ver, de pensar e de falar (também, de viver e morrer [...])” (1991, 142).

ACKRILL, J. L. (1997). *Symploke eidon*. In: *idem. Essays on Plato and Aristotle*. Oxford, Clarendon Press.

BENARDETE, S. (1989). *Socrates' Second Sailing. On Plato's Republic*. Chicago, UCP.

BURGER, R. (1984 (1947)). *The Phaedo: A Platonic Labyrinth*. New Haven, Yale University Press.

DORTER, K. (1982). *Plato's Phaedo: An interpretation*. Toronto, UTP.

FISCHER, F. (2002). La “méthode” et les “hypothèses” en “Phédon” 99d-102a. *Revue Philosophique de Louvain*. 4ème. série, Tome 100, no. 4, p. 650-680.

GAISER, K. (1980). Plato's Enigmatic “Lecture on the Good”. *Phronesis* 25, p. 5-27.

KRÄMER, H. J. (1959). *Arete bei Platon und Aristoteles. Zum Wesen und zur Geschichte der platonischen Ontologie*. Heidelberg, Carl Winter/Universitätsverlag.

LACEY, A. R. (1970). *News Books. Philosophy* vol. 45, issue 173, p. 250-251.

LINDELL, H. G.; SCOTT, R. (comp.) (1996). *A Greek-English Lexicon*. Oxford, Clarendon Press.

MENANDER. Opera. In: KOCK, T. (1880-1888). *Commicorum Atticorum fragmenta* 3. Disponível em: <http://heml.mta.ca/lace/sidebysideview2/8420433> (página de internet – acesso em 27/05/2015 às 18:10).

SOUZA, J. C.; PALEIKAT, J.; COSTA, J. C. (1972). *Platão: Diálogos. Banquete. Fédon. Sofista. Político*. São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores).

GALLOP, D. (2002 (1975)). *Plato: Phaedo*. Transl. with notes. Oxford, Clarendon Press.

ROBIN, L. (1934). *Platon: Phédon*. Texte établi et traduit. Paris, Les Belles Lettres.

DIXSAUT, M. (1991). *Platon: Phédon*. Traduction nouvelle, introduction et notes. Paris, GF Flammarion.

PATON, W. R. (1979 (1923)). *Polybius: The*

*Histories*. Vol. III. Transl. Series: Loeb Classical Library. Cambridge, Harvard University Press.

REALE, G. (1997). *Para uma nova interpretação de Platão: releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das "doutrinas não-escritas"*. São Paulo, Edições Loyola.

ROBINSON, R. (1941). *Plato's Earlier Dialectic*. New York, Cornell University Press.

ROSS, D. L. (1982). The *Deuteros Plous*, Simmias' Speech, and Socrates' Answer to Cebes in Plato's *Phaedo*. *Hermes CX*, p. 19-25.

ROSS, W. D. (1953 (1951)). *Plato's Theory of Ideas*. Oxford, Clarendon Press.

SAYRE, K. (1969). *Plato's Analytic Method*. Chicago, UCP.

SHIPTON, K. M. W. (1979). A Good Second-Best: "Phaedo" 99b ff. *Phronesis*, vol. 24, no. 1, p. 33-53.

SHOREY, P. (1933). *What Plato said*. Chicago, UCP.

SZLEZÁK, T. (2009). *Platão e a escritura da filosofia*. São Paulo, Edições Loyola.